

GRINDR E SUA GENTRIFICAÇÃO DO AFETO

Thiago Scarpato Mozer
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
E-mail: thiagomozer1@gmail.com

Orientador: Prof. Gabriel Menotti
Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)
E-mail: gabriel.menotti@gmail.com

Resumo

Discute a ressemantização do conceito de gentrificação a partir da perspectiva da territorialidade digital, tomando como base uma pesquisa de mestrado em andamento. Tem como objetivo central analisar como biopoder e solidão articulam-se no território digital produzindo a noção de gentrificação do afeto. Toma como *corpus* analítico o aplicativo de encontro homoafetivo-sexual *Grindr*, precisamente suas capturas de tela (*printscreens*), que são apanhadas por meio de etnografia online e lidas à luz da análise de conteúdo, duas correntes metodológicas estruturantes do presente trabalho. Reúne autores dos estudos sobre comunicação, territorialidade, gentrificação, biopoder e solidão. É um trabalho de pesquisa qualitativa, em fase exploratória, que visa a contribuir com uma reflexão sobre como a noção de gentrificação do afeto surge da percepção de um fenômeno que mescla biopoder e solidão numa rede social digital de busca por parceiros, ao mesmo tempo que funciona como dispositivo que atualiza o paradigma da sexualidade.

Palavras-chave: Comunicação. Territorialidade. Gentrificação. Solidão. *Grindr*.

Introdução

Este trabalho provém de uma pesquisa de mestrado em andamento, cujo título é “A gentrificação do afeto na territorialidade digital: biopoder e gestão da solidão no aplicativo *Grindr*”, vinculado ao programa de Pós-Graduação em Comunicação e Territorialidades (POSCOM), da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Com nove meses de duração, toma como *corpus* e *locus* analíticos o aplicativo *Grindr*, destinado à busca por parceiros online para o exercício homoafetivo-sexual. Tem como objetivo central analisar como solidão e biopoder se

articulam na territorialidade digital produzindo o conceito de “gentrificação do afeto”, noção que busca pensar a gestão da solidão contemporânea na territorialidade digital e suas estratégias a partir do imbricamento daqueles conceitos.

Logo, nesta pesquisa, o aplicativo *Grindr* é tido como uma territorialidade a partir de seu viés cultural, em sua “dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2012, p. 40).

Para se compreender esta torção conceitual — “gentrificação do afeto” —, recorreu-se ao artigo *A gentrificação da homossexualidade*, de Denise Portinari e Maria Rita César (2014), que pensa a gentrificação quando aplicada a culturas da marginalidade; neste caso, as autoras propõem uma ressemantização de gentrificação para além de sua compreensão *no* e *pelo* espaço físico. Neste artigo, esta noção é lida como “uma das forças que atuam tanto na configuração dos espaços urbanos quanto na produção de discursos e na atualização das engrenagens dos dispositivos da sexualidade” (PORTINARI; CÉSAR, 2014, p. 118).

Desse modo, esta pesquisa busca entender a experiência estética do afeto no horizonte de uma mediatização (HJARVARD, 2012; LEAL; MENDONÇA; GUIMARÃES, 2010), tendo como questão teórica central o imbricamento dos conceitos de biopoder (FOUCAULT, 2018) e solidão (HIRIGOYEN, 2007; MINOIS, 2013) como chave de leitura de um fenômeno intitulado *gentrificação de afeto*, presente numa territorialidade digital (HAESBAERT, 2012; MARTINUZZO, 2016).

Metodologia

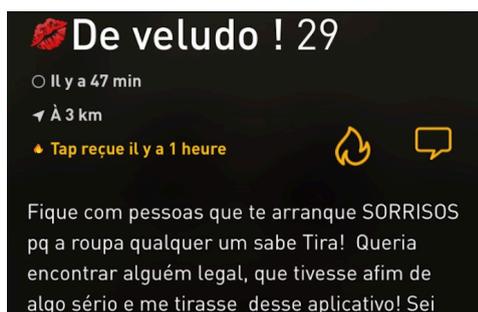
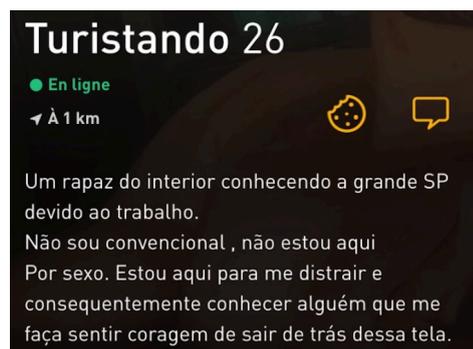
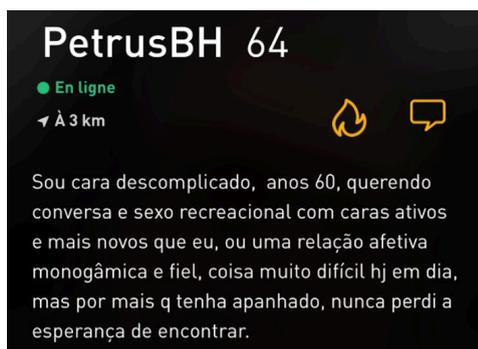
Para se alcançar os objetivos desta pesquisa qualitativa, elegemos como metodologia central a netnografia (KOZINETS, 2007), sendo esta composta de observação participante (AMARAL, 2009; ERICKSON, 1996), que consiste em proceder, dentro das realidades observadas no *Grindr*, à análise dos discursos e comportamentos afetivos da sua comunidade usuária, jogando com os códigos ético-morais e simbólicos desta, a fim de se perceber as características que dali emergem.

Assim, é a partir dessa *etnografia online* (netnografia) que serão aplicados os



outros procedimentos técnicos: 1) análise de conteúdo (BARDIN, 2011), para inferirmos como o afeto circula no *Grindr*, através de *captura tela (printscreen)* dos perfis dos usuários, e o exame de conteúdos discursivos relacionados à solidão, bem como este conceito imbrica-se ao de biopoder; 2) *entrevista semiestruturada* com alguns usuários deste aplicativo, com perguntas a serem criadas junto ao orientador.

Mosaico 01 - Capturas de tela de perfis do *Grindr*



Fonte: produção nossa

Como demonstrado acima, esta etapa da pesquisa está concentrada na parte netnográfica e suas capturas de tela para agrupamento de sentenças discursivas que dão pistas de uma gestão da solidão, tais como: “relação afetiva monogâmica e fiel, coisa muito difícil hj (sic) em dia, mas por mais q (sic) tenha apanhado, nunca perdi a esperança de encontrar”; “herói solitário”; “me tirasse desse aplicativo”; “conhecer alguém que me faça sentir coragem de sair de trás dessa tela”.

É neste momento da pesquisa que a escolha metodológica de Bardin (2011), aliada à netnografia, mostra-se crucial para o delineamento da pesquisa, pois nos permite inferir os modos como a solidão pode ser tratada nesta territorialidade digital (MARTINUZZO, 2016). Portanto, ao olharmos para estes enunciados discursivos, observamos como a solidão parece ser a tônica de interação dos seus usuários.

Assim, observamos que a proposição conceitual de gentrificação do afeto



ganha fôlego por meio de nossas fontes, a saber, os perfis de usuários. Infere-se, então, que o dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2018), linha axial que congrega os usuários deste aplicativo, atualiza-se quando do seu contato com o dispositivo da solidão, como precaveram Foucault e Sennett (1986), atuando como fator *gentrificante* e dispersivo do afeto (SPINOZA, 2018) nesta territorialidade.

Ora, as sentenças “herói solitário” e “conhecer alguém que me faça sentir coragem de sair de trás dessa tela” aproximam-se em conteúdo à medida que trazem implicações acerca de um novo estatuto afetivo que parece circular no *Grindr*: a mescla de uma cybersolidão (MINOIS, 2013) com biopoder (FOUCAULT, 2018), esta técnica para se obter a subjugação dos corpos e o controle de sua produção de subjetividades, confirmando o assunto das nossas literatura supracitada e proposição conceitual. Assim, uma gentrificação afetiva pode ser percebida quando usuários LGBTQ presentes na territorialidade do *Grindr*, munidos do fator gregário da sexualidade, subjuga paradoxalmente a produção de suas subjetividades e afetos às práticas discursivas da solidão.

Considerações finais

Até este momento de nossa pesquisa, concentrada na netnografia, confirma-se a proposição de que lançamos mão em nosso objetivo geral. Portanto, nota-se que a gestão da solidão, ao dispor de estratégias sensíveis e discursivas, vem cada vez mais conjugando-se à noção de biopoder na territorialidade digital do *Grindr*. Desse modo, o *Grindr* demonstra-se como um território que coloca o afeto enquanto tecnologia da escolha (HAN, 2017), gerando, a partir daí, uma produção de subjetividades de seus usuários calcada no pânico da solidão e na agonia afetiva (HAN, 2017).

Assim, a interpretação crítica das fontes e dos dados de nossa pesquisa, por meio da análise de conteúdo, vem evidenciando que a gentrificação do afeto torna-se tanto um dispositivo de configuração do território do *Grindr* quanto uma máquina de produzir discursos que atualizam o dispositivo da sexualidade, que vê no binômio solidão-biopoder seu modo de acontecer.

Referências Bibliográficas

AMARAL, A. Autonetnografia e inserção online: o papel do pesquisador-insider nas práticas comunicacionais das subculturas da Web. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 11, n. 1, pp. 14-24, jan/abr. 2009.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

ERICKSON, F. Ethnographic microanalysis. In: McKAY, S. L.; HORNBERGER, N. H. (Orgs.). **Sociolinguistics and language teaching**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FOUCAULT, M; SENNETT, R. Sexualidade e solidão. In: **London Review of Books**, 1981, pp. 04-07.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 2018.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HAN, B-C. **Agonia do Eros**. Petrópolis: Vozes, 2017.

HJARVARD, S. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. In: **Matrizes**. Ano 5, n. 2, jan./jun. 2012, São Paulo, Brasil, p. 53-91.

HIRIGOYEN, M. **Les nouvelles solitudes**. Paris: La Découverte, 2007.

KOZINETS, R. Netnography 2.0. In: BELK, R. **Handbook of qualitative research methods in marketing**. Massachusetts: Edward Elgar Publishing, 2007

LEAL, B; MENDONÇA, C; GUIMARÃES, C. (Orgs.). **Entre o sensível e o comunicacional**. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

MARTINUZZO, J. A. Territorialidade: o que é isso?. In: MARTINUZZO, J. A; TESSAROLO, M (orgs.). **Comunicação e territorialidades**: as pesquisas inaugurais do primeiro Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Espírito Santo. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, Departamento de Comunicação Social, 2016.

MINOIS, G. **L’histoire de la solitude et des solitaires**. Paris: Fayard, 2013.

PORTINARI, D; CÉSAR, M. R. *A gentrificação da homossexualidade*. In: OLINTO, H; SCHOLLHAMMER, K. (orgs.). **Literatura e espaços afetivos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

SPINOZA, B. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.